

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

A LYRA DO POVO

*(Um «bouquet» de canções
do campo e das ruas, recolhidas no
concelho d'Espozende, por
JOÃO PLACIDO,
e offerecidas ao eximio folk torista
A. Thomaz Pires, d'Elvas.*

1

Minha amada *onte* á tarde
Perdeu suas cores mimosas.
Ai! quanto mais o sol arde
Mais se desbotam as rosas.

2

Amar e saber amar,
São dois pontos delicados.
Os que amam são sem conta
Os amados são contados.

3

As flores da madrugada
Serão estrellas do dia.
Da noite a flor será fada
De doce melancolia.

4

Dava-te o meu coração,
Mas não o posso arrancar.
Se o arranco sei que morro,
Morta não te posso amar.

5

Ai, meu bem, se te não amo,
Um passo não chegue a dar.
A mesma terra que eu piso
Me não chegue a sepultar.

6

Quem tiver olhos azues,
Faça favor de m'os dar.
Olhos azues são constantes
São difíceis de encontrar.

7

Um rapaz muito galante,

Bem bonitinho, engraçado,
Desejo p'ra meu marido
P'ra meu *deus* santificado.

8

E' um regalo na vida
Ao pé da agua morar.
Quem tem sêde vae beber
Quem tem calor vae nadar.

9

S'eu cabir dá-me teus braços,
Ampara-me anjo de Deus,
Talvez recupere a vida
Cahindo nos braços teus.

10

Esta rua tem pedrinhas,
Esta rua pedrinhas tem.
Hei-de mandal-as tirar
P'ra passeiar o meu bem.

11

Meu amor se te não amo
Seja um ente sem ventura.
As ondas do mar, sonhando,
Sejam minha sepultura.

12

Ai, não deixes que me perca
N'essa immensa escuridão.
O' anjo que me regaste
Vem ao menos dar-me a mão.

13

Alegres cantam as aves
N'esses viçosos raminhos.
Só o meu coração chora
Cercado de mil espinhos.

14

Quando eu te verei meu bem,
Meu amor, minha alegria.
O' allivio do pensamento,
Quando será esse dia?

15

Minha terra tem campinas
Que tapisam lindas flores;
Trinam lá melhor as aves

Sabem mais cantar d'amores.

16

A' porta do meu amor
Está uma silva no chão,
Todos passam, ficam soltos,
Só eu fiquei na prisão.

17

Dorme, dorme moreninha
O somno da eternidade,
Que sô deixaste ao esposo
A triste dôr da saudade.

18

Quem consid'rasse na morte,
Nos artigos que ella tem,
Erguia os olhos ao céu
Não fallava de ninguem.

19

Eu gosto de quem não tem
Coração p'ra muita gente.
Gosto de quem quando falla
Não é fingido, não mente.

20

Alto lá não me amofine
Com tamanha impertinencia.
Não gosa mais meu amor,
Tenha santa paciencia.

21

Não avive esses olhinhos
Para ver se me captiva.
Uma vez já me enganou,
Pois sem mim agora viva.

22

Tu julgavas por me eu rir,
Que já te estava querendo.
O meu rir é de garota
Eu de ti nada pretendo.

23

Eu vim ao mundo chorando,
E' chorar o meu viver.
Quando deixar de chorar
Estou prestes a morrer.

24

Semêei no meu quintal
O brio das raparigas,
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de margaridas.

25

Toda a minh'alma queimei
No fogo dos olhos teus.
Não sabes quanto tẽ amo

Estrella dos sonhos meus.

26

Dormindo, 'tava sonhando
No teu quarto ter entrado,
Estar junto a teu peito
Meu amor, muito apertado.

27

Tu eras a pura esp'rança
Das flores castas dos céus,
Hoje quebra-se um encanto
Nas lagrimas de um adeus.

28

Sou rapaz, gosto de ver
As pernas ás raparigas,
Se são grossas ou delgadas
Se são curtas ou compridas,

29

Anjo que tanto adorei
N'uma agonia cruel,
Vou tratar do meu destino,
Ai taça de amargo fel.

30

As estrellas do céu correm
Todas n'uma carreirinha,
Assim tu hasde correr
Da tua porta p'r'a minha.

31

Se meu pranto escutares
Envolto no meu soffrer.
Passarei contente a vida
Atè findar meu viver.

32

Não posso ver moça bella
Sem o amor me tutt'lar;
Sou feito de carne e osso
Por força me hei-de dobrar.

33

Se vejo moço côrado
Fico d'amor abrazada;
Moço pallido e romantico
Põe-me toda derrotada.

34

Olhos negros e travessos
São p'ra mim settas d'amor;
Os azues matam a gente
Requebrados com calor.

35

Não sei que é ter orgulho
De constancia e firmeza.
Eu só me orgulho d'amar

A toda e qualquer belleza.

36

Sejam grandes ou pequenos:

Ardentes, ternos ou não,

Todos elles me tiram

Suspiros do coração.

37

Quando 'stou junto das moças,

Meus olhos são de tarracha;

Meu coração é trapiche...

Tenho alma de borracha.

38

Escrevi na branca areia

O retrato do meu bem,

Escrevi, fugi depressa

Antes que me visse alguém.

39

Mostraste-me o teu retrato

Eu em troca o meu te dei.

Perdeu a côr, o ingrato,

Tantas vezes o beijei.

40

Esta rua tem pedrinhas

Heide-lh'as mandar tirar,

Com biquinhos d'alfinetes

Para o meu amor passar.

41

Esta noite vi dançando

As estrellas no azul.

Dançam as nuvens sô quando

E' rijo o vento do sul.

42

Esconder o que mais quero

Fôra enganar-me a mim;

Se eu te pedir beijo occulto

Nunca me digas que sim.

43

Da minha janella á tua

Vae uma legua d'areia.

Do meu coração ao teu

Vai uma grossa cadeia.

44

Olhos pretos, olhos brancos;

Olhos azues, olhos verdes.

Estas quatro castas d'olhos

Em poucas caras os vêdes.

45

Não se me dá qu'outras gosem

D'aquillo que eu ja gosei.

Aproveita pobresinho,

São restos que eu já deixei.

46

A folhinha do salgueiro

Sempre está *telim, telim*...

Assim 'stá o meu amor

Quando está ao pé de mim.

47

Semêei no meu quintal,

O brio dos estudantes,

Nasceu-me uma rosa branca

Cercada de diamantes.

48

Adeus, adeus, é chegada

A hora da despedida.

Vou? que importa, se te deixo

N'este adeus a minha vida?!

49

A cabeça no regaço,

E' signal de confiança

E a primeira fineza

Que do amor se alcança.

50

Eu era um ente na terra,

Tu eras um cherubim.

Deus levou-te para os anjos,

Não nasceste para mim.

51

Os olhos sabes volver

Tão ternos a namorar.

Mas eu queria se podesse

Junto d'elles sempre estar.

52

Amar e saber amar

Qualquer amante sabe isso.

Ser leal ao seu amor

Só eu nasci para isso.

53

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiã.

As aves que aqui gorgeliam

Não gorgêam como lá.

54

Quando eu meigo vejo ella

Tão terna, tão moreninha,

Logo digo: como é bella

No Brazil a mulatinha.

55

Se eu soubesse lér no céu

Como escrever sei na areia,
 Não me havia d'escapar
 Moça bonita nem feia.

56

O feliz ri-se na vida
 Por ver n'ella o seu jardim.
 O desgraçado na morte
 Por ter da desgraça o fim.

57

Esses teus olhos Thereza,
 Andam-me sempre a chufar.
 Tem cautella co'o *Macaco*
 Que te não vá desgraçar.

58

Se eu tivesse papel d'oiro
 Penna e tinteiro de prata,
 Com o sangue das minhas vêas
 Escrevia-te uma carta.

59

A Loja do Mendes não presta
 A do Terra vale um vintem,
 A Popular uma libra
 Pelo caixeiro que tem.

60

Agora é que eu vou cantar
 Com toda a delicadeza,
 Viva a Loja Popular,
 Viva com toda a certeza.

61

Alegrai-vos raparigas
 Agora é que eu vou cantar;
 Viva a villa d'Espozende,
 Viva a Loja Popular.

62

Tenho corrido mil terras
 Só não fui ao Maranhão;
 Tenho visto caras lindas,
 Como a tua ainda não.

63

Ha quatro lojas em Espozende
 Todas quatro de primôr,
 Mas a Loja Popular
 E' a que tem mais valor.

64

Os olhos do meu amor
 São pretos como veludo,
 Inda espero de lograr
 Olhos, coração e tudo.

65

Não julguei que salsa verde
 Ao pé do rio seccasse,
 Não julguei que o meu amor
 Tão depressa me deixasse.

66

Fui á fonte dos amores,
 Passei pela dos cuidados;
 Enchi o cantaro de rosas
 Fiz a rodilha de cravos.

67

Os olhos do meu amor
 São da côr do meu vestido,
 Que lindos amores eu tenho
 Que se parecem cominigo!

68

Se vires chover miudinho,
 O ar turvo, innevoado,
 Faz de conta que são lagrimas
 Que por ti tenho chorado.

69

Lindos olhos tem a cobra
 Só queria assim os meus,
 Eu hei-de lavar meus olhos
 Onde a cobra lava os seus.

70

Os olhos do meu amôr
 São confeitos, não se vendem
 São balas com que me atiram,
 Cadeias com que me prendem.

71

Entre o trevo, entre o trevo,
 Entre o trevo florido;
 Entre o trevo me atrevo
 Amor a dormir contigo.

72

Rosa que estás na roseira
 Deixa-te estar até ver,
 Eu vou ao Brazil e venho
 Inda te heide vir colher.

73

Tendes dois olhos na cara
 Que parecem dois ladrões,
 Elles postos na estrada
 Só roubavam corações.

74

O' meu amor, meu amor,
 Vejo-te andar a pedir,
 Não sei se te dê esmola
 Se cama para dormir.